

**A necessidade da má consciência para a civilização**  
**The necessity of the bad conscience for civilization**

MAURÍCIO SMIDERLE<sup>1</sup>

**Resumo:** O texto explora o tema nietzschiano da necessidade da má consciência para a civilização na contramão do ideal iluminista de que a civilização representaria uma condição de melhoramento da humanidade. Trata-se de mostrar que, para Nietzsche, não há, aqui, um fortalecimento do animal homem, mas um enfraquecimento dos instintos próprios da espécie humana.

**Palavras-chave:** Nietzsche. Cultura. Iluminismo. Má consciência. Moral.

**Abstract:** The paper explores the nietzschean theme of the necessity of bad conscience for civilization against the grain of the illuminist ideal that civilization would represent a condition for improvement of humanity. This is to show that, for Nietzsche, there is here a strengthening of the human animal, but a weakening of own instincts of the human species.

**Keywords:** Nietzsche. Culture. Illuminism. Bad conscience. Moral.

Para poder viver na civilização, o animal homem necessitou sofrer diversas mudanças. Transformar uma população violenta, cruel e inconstante em trabalhadora, pacífica e estável não foi uma tarefa fácil. Isso só foi possível, segundo o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, com surgimento da mais sinistra doença que a humanidade possuiu, isto é, a má consciência. A civilização (*civilisation*), para o filósofo, não é entendida como um melhoramento da humanidade. Aqui não há um fortalecimento do animal homem, mas um enfraquecimento. “O processo civilizatório é aquele que enfraquece os impulsos ou os instintos próprios da espécie humana” (FREZZATTI, 2006, p. 91). Do ponto

---

<sup>1</sup> Formado em Filosofia pela UNIOESTE. Bolsista PET-Filosofia de janeiro de 2012 a dezembro de 2014. Texto referente ao projeto de pesquisa individual sob orientação do Prof. Dr. Wilson Antonio Frezzatti Jr. Endereço eletrônico: mauricio-smiderle@hotmail.com.

de vista fisiológico, a civilização irá representar a decadência dos impulsos, isto é, um aspecto doentio ou mórbido. Nietzsche realiza a distinção entre uma fisiologia saudável e doentia: a primeira está em conformidade com o fluxo da vida, que é a tendência ao crescimento de potência; entretanto a segunda não está de acordo com a vida, apresentando instintos que negam o movimento do mundo. Ao buscar domar o ser humano, reprimindo os seus impulsos, a civilização transforma o homem em um animal doente. Através da doença, consegue-se transformar seres terríveis, inconstantes e cruéis em indivíduos de rebanho e obedientes. A própria criação de noções metafísicas e ideias representam um exemplo de fisiologia decadente do homem, pois acabam negando o vir-a-ser do mundo. Por meio da distorção dos impulsos básicos, a civilização irá domesticar e amansar a “natureza terrível e de animal de rapina”, isto é, a configuração saudável.

A civilização não possui o objetivo de distanciar os diferentes tipos de indivíduos, ou seja, ela procura realizar um contato entre todos os tipos de homens, transformando a humanidade em um único modelo: o homem decadente. “Em outras palavras, a civilização (*civilisation*) caracteriza-se pelo enfraquecimento em massa” (FREZZATTI, 2006, p. 98). Segundo Nietzsche, não é tarefa dos sãos cuidar desses seres, mas, ao contrário, devem ficar afastados, pois é justamente os mórbidos que provocam a doença nos seres sãos. Foi por meio da civilização que o ser humano adquiriu a doença da má consciência. Porém, em primeiro lugar, isso só foi possível com a criação de uma memória no animal homem. Esta possibilitou que fosse estabelecida a relação entre credor e devedor, que serviu como base para o surgimento do sentimento de culpa e da má consciência, proporcionando a existência da civilização.

Antes de aprender a conviver na civilização, isto é, na pré-história da humanidade, o ser humano era um animal que não possuía memória, apenas seguia seus instintos. Nesse período da história, o indivíduo expressava livremente todos os seus impulsos ou instintos, ele agia de forma violenta, inconstante, cruel, dominadora, buscando sempre se expandir, ou seja, a sua vida andava de acordo com a tendência ao crescimento de potência. Com, portanto, o aparecimento da civilização, o homem sofreu uma radical mudança, necessitando agir de outro modo. Ele teve que adquirir as “virtudes” que são exigidas para estabelecer

aquele convívio social. Então, primeiramente, precisou criar uma memória para tornar a si mesmo constante e necessário, isto é, para transformar o animal homem em um animal capaz de fazer promessas.

Logo no início da segunda dissertação do seu livro *Genealogia da moral*, Nietzsche comenta que o ser humano tem a necessidade de esquecer. Esta habilidade faz com que se consiga processar as novas operações mentais que o indivíduo realiza. “Fechar temporariamente as portas e janelas da consciência; [...] um pouco de sossego, um pouco de *tábula rasa* da consciência” (NIETZSCHE, 2009, 43). Esta é a tarefa do esquecimento, ou seja, trazer ativamente a ordem e a paz, realizando uma assimilação psíquica. Não foi fácil, segundo o filósofo, adquirir uma memória, pois anteriormente o homem não a possuía, sendo incapaz de se tornar constante e realizar qualquer promessa. A memória fez com que o indivíduo suspendesse o esquecimento, realizando de maneira ativa um “*não-querer-livrar-se*”, isto é, continuar desejando o já obtido.

Como, porém, o homem adquiriu uma memória? Foi por meio da dor, ou seja, aquilo que não para de causar dor grava-se na memória: “Jamais deixou de haver sangue, martírio e sacrifício, quando o homem sentiu a necessidade de criar em si uma memória” (NIETZSCHE, 2009, p. 46). Com o constante sentimento de dor, o ser humano percebeu a necessidade de fixar algumas ideias que, de certo modo, cessavam aquele sentimento, realizando a construção de uma memória. Esta impedia que o espírito se ocupasse de novas aquisições e as processasse, sendo que a manutenção constante daquilo que lhe permitia viver em sociedade impossibilitava o aproveitamento de múltiplas experiências.

Através da memória, o ser humano, que era inconstante e irresponsável, passou a se transformar em um ser previsível, constante e, principalmente, responsável pelos seus atos, podendo responder pelas suas próprias ações. A história da responsabilidade mostra como o homem tornou-se um ser uniforme e constante, isto é, “um animal capaz de fazer promessas” (NIETZSCHE, 2009, p. 44). Com a transformação do indivíduo em algo previsível, foi possível estabelecer uma relação que foi fundamental, segundo Nietzsche, para a construção da civilização: a relação entre credor e devedor.

Na relação entre credor e devedor, que possui como base a responsabilidade, percebem-se as primeiras etapas da formação de um convívio social do ser humano. Foi nessa relação que se mediu um ser com outro, transformando o homem em um “animal avaliador”. A partir disto, houve uma generalização, acreditando que tudo possui o seu valor, ou seja, tudo pode ser pago. Buscando adquirir a confiança do credor, o devedor submetia algo que possuía ao credor caso a sua promessa não atingisse êxito, tal como o seu corpo, sua liberdade e sua vida. Se a dívida não fosse paga, segundo o filósofo alemão, o credor poderia realizar todo o tipo de tortura e humilhação ao devedor, principalmente sobre o corpo deste, cortando quanto acreditasse ser o tamanho da dívida, por exemplo. A meta desse procedimento é substituir um dano ocorrido por uma satisfação íntima do credor, ou seja, trocar o sofrimento do dano pelo prazer de causar o sofrer. O ser humano sempre foi cruel e violento, deleitando-se com o sofrimento alheio. Nisso consistia a sua descarga impulsional, isto é, praticar o mal pela satisfação de realizá-lo. “Ver-sofrer faz bem, fazer-sofrer mais bem ainda” (NIETZSCHE, 2009, p. 51). Aqui, causar o sofrimento é gratificante, a crueldade é um grande prazer tanto da pré-história do homem<sup>2</sup> quanto do homem atual.

A comunidade da pré-história possui como fundamento a relação do credor e devedor. Ela proporciona vantagens aos indivíduos que mantêm a sua promessa, não precisando que haja preocupação com os abusos que ocorrem fora da comunidade, como a violência e a guerra. Entretanto, na comunidade, quando devedor não pagar a sua dívida, ele será considerado um criminoso, isto é, um ser que não consegue permanecer com a sua promessa e que ainda atenta contra o próprio credor. Neste caso, a comunidade irá aplicar o castigo, que é devolver o criminoso ao estado selvagem, ou seja, o credor poderá descarregar livremente a sua ira ao devedor. “Daí que ele [o criminoso] não apenas será privado de todos esses benefícios e vantagens, como é justo – doravante lhe será lembrado *o quanto valem esses benefícios*” (NIETZSCHE, 2009, p. 56). Na verdade, esta espécie de castigo nada mais é do que o comportamento normal de um homem ao se deparar com o seu

---

<sup>2</sup> Nietzsche aponta que a crueldade era considerada uma fonte de satisfação na humanidade antiga. Os casamentos e festas eram inimagináveis sem suplícios e assassinatos. “Sem crueldade não há festa: é o que ensina a mais antiga e mais longa história do homem” (NIETZSCHE, 2009, p. 51).

inimigo. O credor, assim, irá provocar no devedor todos os tipos de martírios que achar necessário, substituindo um dano ocorrido pelo prazer de provocar o sofrimento.

Ao aumentar, porém, o poder da comunidade, o credor não poderá dar vazão a sua ira contra o devedor. Este já não é mais expulso do convívio social, mas é abrigado pelo protegido do indivíduo que provocou dano. Aqui a medida de riqueza é suportar prejuízos sem sofrimento. “O ‘credor’ se torna sempre mais humano, na medida em que se torna mais rico; e o quanto de injúria ele pode suportar sem sofrer é, por fim, a própria medida de sua riqueza” (NIETZSCHE, 2009, p. 57). Quanto mais rica é uma comunidade, mais ela poderá suportar tormentos sem se abalar, ou seja, ao enriquecer a comunidade, diminuirá o valor do castigo.

A respeito do castigo é necessário distinguir duas características: o que é duradouro e o que é fluido. A primeira característica é o ato, o costume pelo qual o castigo é aplicado, que se mantém o mesmo para toda espécie de castigo. A ação de castigar, o prazer de ver-sofrer e fazer-sofrer são elementos que existem, até mesmo, anteriormente ao próprio castigo. Esse procedimento deve ser algo mais antigo que o exercício de castigar, este foi introduzido em uma ação que já existia. A segunda característica é o objetivo, o sentido do castigo. Isto não é algo permanente, mas altera-se conforme o indivíduo. Aqui há uma pluralidade de sentidos, não havendo uma única meta, como por exemplo: castigo como um impedimento da criação de novos prejuízos e castigo como forma de pagamento por um prejuízo. Apesar dessa pluralidade de sentidos, o castigo, de maneira genérica, é uma ferramenta que provoca uma sombria seriedade no ser humano. O seu efeito é um aumento de prudência, o controle dos desejos. Pode-se dizer que o castigo doma o homem, fazendo este controlar os seus próprios instintos. Assim,

Inquestionavelmente se deve buscar o genuíno efeito do castigo, antes de tudo, numa intensificação da prudência, num alargamento da memória, numa vontade de passar a agir de maneira mais cauta, desconfiada e sigilosa, na percepção de ser demasiado fraco para muitas coisas, numa melhoria da faculdade de julgar a si próprio (NIETZSCHE, 2009, p. 66).

Porém o sentimento de culpa e a má consciência não possuem

a sua origem aqui, eles foram, até mesmo, detidos com o castigo. Na pré-história do homem, quando aplicavam o castigo não tinham a noção de estar lidando com um culpado, mas com um causador de danos, com algo que foi produto do destino. “Durante milênios os malfeitores alcançados pelo castigo pensaram a respeito de sua ‘falta’: ‘algo saiu errado’, e *não* ‘eu não devia ter feito isso’” (NIETZSCHE, 2009, p. 66). O criminoso não sentia que era culpado pelos seus atos, mas apenas percebia que algo tinha ocorrido de forma errada, que alguma coisa imprevista sucedeu. Pensando nisso, o malfeitor se subordinava ao castigo sem apresentar qualquer espécie de medo ou revolta. Assim, de certo modo, o sentimento de culpa e a má consciência foram detidos, porque, ao aplicar o castigo, o devedor sentia que não estava mais em dívida com o credor, pois conseguiu pagar a sua dívida de algum modo, proporcionando um prazer ao credor.

A má consciência surgiu quando o homem necessitou inserir-se na vida social de modo mais intenso. O filósofo alemão comenta: “vejo a má consciência como a profunda doença que o homem teve de contrair sob a pressão da mais radical das mudanças que viveu – a mudança que sobreveio quando ele se viu definitivamente encerrado no âmbito da sociedade e da paz” (NIETZSCHE, 2009, p. 67). O ser humano é um ser violento, cruel e que está sempre buscando se expandir, dominando os demais. Os seus instintos possuem a tendência ao crescimento de potência, ou seja, toda a constituição do homem ocorre conforme a vontade de potência. Quando existiu a necessidade de viver socialmente, o indivíduo precisou domar os seus instintos, isto é, impedindo de descarregá-los para fora, mas os direcionando para o interior do próprio homem. Desta forma, “a hostilidade, a crueldade, o prazer na perseguição, no assalto, na mudança, na destruição – tudo isso se voltando contra os possuidores de tais instintos: *esta* é a origem da má consciência” (NIETZSCHE, 2009, p. 68). A má consciência originou-se quando os instintos não puderam mais se expandir externamente para aumentar em potência, voltando-se contra o próprio indivíduo. Em vez de exteriorizar os seus instintos, o ser humano acabou por internalizá-los, ganhando um alargamento na sua alma. Com a má consciência, o ser humano passou a perceber a si mesmo, o seu corpo de maneira desprezível, merecedor de martírios. Isto ocorreu devido uma rápida mudança provocada na

pré-história da humanidade. Como o indivíduo ainda possuía os seus instintos básicos, ele apenas alterou a direção destes, isto é, fazendo-os voltar contra o próprio possuidor. Assim, a solução que o animal homem encontrou para o problema da expansão de seus instintos foi a internalização, pois não era possível que eles fossem eliminados, já que fazem parte da constituição do ser humano.

Nietzsche destaca dois fatores que foram importantes para a criação da má consciência: a radical mudança que o indivíduo sofreu de forma involuntária, ela surge de forma abrupta, como uma ruptura, não gradual e não voluntária, isto é, como uma coerção; e a inserção de um grupo de homens desregrados e violentos em uma sociedade estável e pacífica, que só foi levado a termo por meio de atos de violência. O antigo Estado surge com um tirano que doma e produz uma forma no homem. Esse Estado é formado inicialmente por um pequeno conjunto de senhores e conquistadores, porém organizados conseguem dominar uma grande população nômade e informe. Nietzsche aponta:

Utilizei a palavra “Estado”: está claro a que me refiro – algum bando de bestas louras, uma raça de conquistadores e senhores, que, organizada guerreiramente e com força para organizar, sem hesitação lança suas garras terríveis sobre uma população talvez imensamente superior em número, mas ainda informe e nômade. Deste modo começa a existir o “Estado” na terra (NIETZSCHE, 2009, p. 69).

Nesses senhores não se formou a má consciência, mas eles foram necessários para que ela aparecesse. Foi a força que os senhores exerceram sobre os mais fracos que fez com que os instintos destes voltassem contra eles próprios, originando, assim, a má consciência. Esta não era possuída por todos os indivíduos no antigo Estado, ou seja, apenas alguns seres apresentavam sintomas dessa doença. É a civilização que possui objetivo de espalhar essa doença por toda a humanidade, transformando o animal homem em um ser fisiologicamente decadente.

Essa oculta violentação de si mesmo, essa crueldade de artista, esse deleite em se dar uma forma, como a uma matéria difícil, recalcitrante, sofrente, em se impor a ferro e fogo uma

vontade, uma crítica, uma contradição, um desprezo, um Não, esse inquietante e horrendamente prazeroso trabalho de uma alma voluntariamente cindida, que a si mesma faz sofrer, por prazer de fazer sofrer, essa ‘má consciência’ *ativa* também fez afinal – já se percebe –, como verdadeiro ventre de acontecimentos ideais e imaginosos (NIETZSCHE, 2009, p. 70).

A má consciência fez os instintos se voltarem contra o seu possuidor. A violência, a crueldade, o prazer de provocar sofrimento, que eram exteriorizados, possuíam agora uma nova direção: o próprio indivíduo. Com ela o ser humano violentava a si mesmo, pois precisava dar vazão a sua força. O prazer em torturar os outros acabou sendo transformado no prazer de torturar a si mesmo. Todos os instintos que não podiam ser descarregados para fora terminavam por lançar a sua força no interior do ser humano. Através da má consciência, ocorreu um alargamento na alma do indivíduo. Com isto, existiu a necessidade de encontrar justificativas para o seu sofrimento, pois “o que revolta no sofrimento não é o sofrimento em si, mas a sua falta de sentido” (NIETZSCHE, 2009, p. 53). Surgiram, então, os ideais e noções metafísicas que tinham por objetivo oferecer uma significação para o martírio dos homens.

Segundo Nietzsche, a má consciência é uma doença que o homem precisou adquirir. Foi na relação entre credor e devedor que esta doença conseguiu atingir o seu auge. Na pré-história da humanidade, os indivíduos mantinham uma relação especial com os seus antepassados: uma relação de credor e devedor. A geração que vive reconhece uma dívida com a geração passada, pois, por meio dos esforços realizados pelos antigos, a geração atual conseguiu diversos benefícios. Esta dívida irá crescer e diminuir conforme as vantagens e desvantagens que a geração atual possui, sendo que quanto maior o poder da estirpe maior será a sua dívida. Com isto, nasce a convicção de que a dívida com os antepassados deve ser paga com sacrifícios e realizações. Para o filósofo alemão, é possível perceber que essa lógica conduz a transformar o ancestral em algo divino, isto é, “o ancestral termina necessariamente transfigurado em deus” (NIETZSCHE, 2009, p. 72). Crescendo o poder da estirpe, os ancestrais serão vistos de forma grandiosa, como deuses.

O enobrecimento dos ancestrais, segundo Nietzsche,

significa uma evolução do sentimento de culpa, pois cresce o valor da dívida a ser paga. Ou seja, quanto mais as antigas gerações forem divinizadas maior será também a sensação de possuir culpa e dever para com elas. “O sentimento de culpa em relação à divindade não parou de crescer durante milênios, e sempre na mesma razão em que nesse mundo cresceram e foram levados às alturas o conceito e o sentimento de Deus” (NIETZSCHE, 2009, p. 73). Esta forma de dívida para com os ancestrais provoca no ser humano a consciência de culpa e dever devido à impossibilidade do homem de exercer alguma ação para pagar a sua dívida. Como não é possível tanto o pagamento da dívida quanto a realização do castigo, o indivíduo fica incapaz de efetuar o pagamento para as antigas gerações, gerando, assim, o sentimento de culpa e dever.

Por meio da impossibilidade de realizar ações, ou seja, liquidar a dívida, expressar os seus impulsos e, até mesmo, sofrer o castigo, o sentimento de culpa e a noção de dívida acabaram se voltando contra o possuidor desses impulsos. Com a incapacidade de realizar o pagamento, o ser humano passa a se perceber com maus olhos, como um ser vil que não deveria ter existido.

Desta forma,

As noções de culpa e dever devem voltar para trás – contra quem? Não se pode duvidar: primeiramente contra o ‘devedor’, no qual a má consciência de tal modo se enraíza, corroendo e crescendo para todos os lados como um pólipo, que, por fim, com a impossibilidade de pagar a dívida, se concebe também a impossibilidade da penitência, a ideia de que não se pode realizá-la (o “castigo eterno”); mas finalmente se voltam até mesmo contra o ‘credor’: recordaremos a causa prima do homem, o começo da espécie humana, o seu ancestral, que passa a ser amaldiçoado (NIETZSCHE, 2009, p. 74).

O sentimento de culpa se enraíza no indivíduo, no qual já está presente a má consciência, causando um afundamento, um agravamento na situação, porque não é possível nem saldar a dívida nem praticar a penitência. Desta forma, o devedor não consegue efetuar qualquer ato exteriormente para expressar os seus instintos básicos. Estes, portanto, se voltam contra o seu possuidor, tornando mais grave a doença que o homem contraiu, isto é, a má consciência.

Entretanto as noções de culpa e dever também vão contra o próprio credor. Os homens passam a perceber o início da espécie humana como algo ruim, como alguma coisa que não deveria existir, por exemplo: o ancestral é amaldiçoado; a natureza é concebida como o princípio maléfico de toda a desgraça; e a existência é vista como algo que não tem valor.

Com a má consciência “foi introduzida a maior e mais sinistra doença, da qual até hoje não se curou a humanidade, o sofrimento do homem *com o homem consigo*: como resultado de uma violenta separação do seu passado animal” (NIETZSCHE, 2009, p. 68). O sentimento de culpa e a noção de estar em dívida com outros indivíduos agravaram a situação dessa doença. O homem não apenas reprime os seus instintos, descarregando contra si próprio, ele também percebe o seu corpo com maus olhos, isto é, olha a si mesmo como algo errado que não devia ter existido. Ao bloquear a expressão natural dos instintos, o ser humano não foi capaz de eliminar os seus impulsos, o que resulta na possibilidade de fazer o mal a si próprio. Foram criados, até mesmo, ideais e noções metafísicas para que o indivíduo consiga realizar isto. O pensamento de estar em dívida com Deus serve como meio de conceder um sentido ao seu sofrimento. Aqui é possível praticar toda a espécie de tortura e crueldade consigo mesmo, pois o suplício está disfarçado de culpa e dever para com Deus e, portanto, se torna justificado. O homem sente-se culpado de algo, não sabe o motivo, mas considera que o castigo, que o sofrimento, é merecido:

Há uma espécie de loucura da vontade, nessa crueldade psíquica, que é simplesmente sem igual: a vontade do homem de sentir-se culpado e desprezível, até ser impossível a expiação, sua vontade de crê-se castigado, sem que o castigo possa jamais equivaler à culpa, sua vontade de infectar e envenenar todo o fundo das coisas com o problema do castigo e da culpa, para de uma vez por todas cortar para si a saída desse labirinto de ‘ideias fixas’, sua vontade de erigir um ideal – o do ‘santo Deus’ – e em vista dele ter a certeza tangível de sua total dignidade (NIETZSCHE, 2009, p. 75).

A vontade do indivíduo de expressar exteriormente os seus instintos ou impulsos não conseguiu ser satisfeita. Aqueles

impulsos violentos, o prazer na crueldade e na tortura, necessitaram ser reprimidos. Não foi possível a sua extinção, o indivíduo mudou a direção: em vez exteriorizar, como ocorria na pré-história do homem, os instintos foram internalizados. A má consciência representa uma doença para a humanidade. E o sentimento de culpa acentuou essa doença. Desta forma, o ser humano acabou apresentando uma dinâmica impulsional decadente, em que os próprios impulsos vão contra o fluxo da vida.

A má consciência é necessária para que exista a civilização. Esta não pode ser encarada como um melhoramento do homem. Na verdade, ela é um amansamento do ser humano. Somente com a doença da má consciência, que internaliza os instintos, a civilização se torna possível. O processo civilizatório transforma todos os seres saudáveis em doentios, ou seja, doma e amansa os instintos ou impulsos do indivíduo. Desta forma, o animal homem violento e cruel é transformado em um animal pacífico, uniforme e constante, porém acaba sofrendo consigo mesmo.

Assim, segundo o filósofo, a má consciência é o sofrimento do animal homem consigo mesmo. Através de uma sensação de que existe algo de errado com si próprio, o ser humano acredita que é o culpado da sua condição. A noção metafísica de Deus apresenta um sentido para esse sofrimento do indivíduo. Agora é possível realizar todo o tipo de martírio para si mesmo, pois o sofrimento é justificado por meio da crença em Deus. Há um sentido para o sofrimento: se eu soufr, eu mereço sofrer, porque eu fiz algo de mau, não sei o que, mas devo ser punido. Essa ideia de buscar um sentido para o atual estado fisiológico do homem será mais bem desenvolvida por Nietzsche na terceira dissertação do seu livro *Genealogia da moral*.

## Referências bibliográficas

FREZZATTI JR, Wilson Antonio. *A fisiologia de Nietzsche: a superação da dualidade cultura/biologia*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MAURÍCIO SMIDERLE

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.